

Artigos de revisão (sistemática ou de escopo)

# Experiências de usuários de comunidades virtuais pró-transtornos alimentares e seus efeitos sobre o comportamento alimentar: revisão de escopo

Mariana Stefani Firmino<sup>1</sup>, Bruna Bortolozzi Maia<sup>1</sup>, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso<sup>1</sup>,  
Manoel Antônio dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,  
Ribeirão Preto, SP, Brasil

**Submissão:** 15 out. 2024.

**Aceite:** 15 out. 2025.

**Editor de seção:** Gabriel Gaudencio do Rêgo.

## Nota dos autores

Mariana S. Firmino  <https://orcid.org/0009-0002-8338-8057>

Bruna B. Maia  <https://orcid.org/0000-0001-7792-0663>

Érika A. de Oliveira-Cardoso  <https://orcid.org/0000-0002-5129-4227>

Manoel A. dos Santos  <https://orcid.org/0000-0001-8214-7767>

Financiamento: Este estudo foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Pibic-USP-CNPq), 2023-2024; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, Programa de Demanda Social; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ-1A.

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Manoel Antônio dos Santos, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Campus Universitário, Ribeirão Preto, SP, Brasil; CEP 14040-901, telefone: +55 16 981329896. Email: [masantos@ffclrp.usp.br](mailto:masantos@ffclrp.usp.br)

**Conflito de interesses:** Não há.

### Resumo

Atualmente, nota-se uma crescente preocupação com a proliferação dos *websites* vinculados ao movimento pró-anorexia/pró-bulimia, que fazem apologia aos transtornos alimentares (TAs) como estilo de vida. Esta revisão de escopo teve como objetivo analisar as evidências disponíveis na literatura científica acerca das experiências de usuários de comunidades virtuais pró-TAs e seus efeitos sobre o comportamento alimentar. Foram realizadas buscas sistemáticas nas bases MEDLINE/PubMed, Web of Science, PsycINFO, CINAHL/EBSCO e LILACS, no período de 2013 a 2023. De um total de 1.370 artigos originalmente recuperados, foram selecionados com base nos critérios de inclusão/exclusão dez estudos primários de seis países diferentes, compreendendo um total de 20.266 participantes adolescentes, jovens e adultos, em sua maioria mulheres. Os resultados mostram predomínio de estudos transversais com enfoque qualitativo. A exposição dos usuários a conteúdos produzidos em plataformas digitais que cultuam e celebram o ideal de magreza extrema guarda relação com seus prováveis diagnósticos de TAs. A motivação para o engajamento nessas mídias sociais consiste na busca de acolhimento, senso de pertencimento e proteção contra a estigmatização social, especialmente para usuários com transtorno ativo. Em relação aos impactos sobre o bem-estar dos usuários, os resultados apontam possível recrudescimento na insatisfação com a imagem corporal, mas também chamam a atenção para a potencial influência dos grupos virtuais no processo de recuperação, na medida em que a adesão às comunidades virtuais confere aos seus membros um senso de agência pessoal, fortalecendo a motivação para a mudança.

**Palavras-chave:** transtornos da alimentação e da ingestão de alimentos, internet, redes sociais, tecnologia da informação, revisão

## EXPERIENCES OF USERS OF PRO-EATING DISORDER ONLINE COMMUNITIES AND THEIR EFFECTS ON EATING BEHAVIOR: A SCOPING REVIEW

### Pro-Eating Disorder Virtual Communities

#### Abstract

There is growing concern regarding the proliferation of websites associated with the pro-anorexia and pro-bulimia movement, which promote eating disorders (EDs) as a lifestyle. This scoping review aimed to examine the evidence available in the scientific literature concerning the experiences of users of pro-eating disorders virtual communities and the effects of these experiences on eating behavior. Systematic searches were conducted in the MEDLINE/PubMed, Web of Science, PsycINFO, CINAHL/EBSCO, and LILACS databases from 2013 to 2023. From a total of 1370 articles initially retrieved, 10 primary studies conducted in six different countries were selected according to the inclusion and exclusion criteria, comprising 20,266 adolescent, young, and adult participants, the majority of whom were women. The results indicate a predominance of cross-sectional studies with a qualitative focus. Exposure to digital platform content that glorifies and celebrates the ideal of extreme thinness is associated with probable ED diagnoses among users. The motivation for engagement in these social media platforms involves the search for acceptance, belonging, and protection against social stigmatization, particularly among users with an active disorder. Regarding the impacts on users' well-being, the findings suggest a possible worsening of body image dissatisfaction. However, they also highlight the potential influence of virtual groups on the recovery process, as participation in these communities provides members with a sense of personal agency, reinforcing their motivation for change.

**Keywords:** feeding and eating disorders, internet, social networks, information technology, review

## IMPACTO DE LA EXPOSICIÓN A COMUNIDADES EN LÍNEA PRO-TRANSTORNOS ALIMENTARIOS: REVISIÓN INTEGRATIVA

### Comunidades en Línea Pro-Trastornos Alimentarios

#### Resumen

Actualmente, se nota una creciente preocupación por la proliferación de sitios web vinculados al movimiento proanorexia/probulimia, que defienden los trastornos alimentarios como estilo de vida. Esta revisión integrativa tuvo como objetivo analizar la evidencia disponible en la literatura científica sobre los

impactos de la exposición a comunidades virtuales pro-trastornos alimentarios en el comportamiento alimentario de sus usuarios. Se realizaron búsquedas sistemáticas en las bases MEDLINE/PubMed, Web of Science, PsycINFO, CINAHL/EBSCO y LILACS, en el período 2013–2023. De un total de 1370 artículos originalmente recuperados, se seleccionaron 10 estudios primarios de seis países diferentes, comprendiendo un total de 20,266 participantes adolescentes/jóvenes/adultos, en su mayoría mujeres. Los resultados muestran predominio de estudios transversales con enfoque cualitativo. La exposición de los usuarios a contenidos producidos en plataformas digitales que enfatizan el ideal de extrema delgadez está relacionada con sus probables diagnósticos de trastornos de la alimentación. La motivación para el compromiso en estas redes sociales consiste en la búsqueda de acogida, un sentido de pertenencia y protección contra la estigmatización social, especialmente para usuarios con trastorno activo. En relación con los impactos en el bienestar de los usuarios, los resultados señalan un posible recrudecimiento en la insatisfacción con la imagen corporal, pero también destacan la influencia de los grupos virtuales en el proceso de recuperación, en la medida en que la adhesión a las comunidades virtuales otorga a sus miembros una posición de agencia personal. Se detectaron limitaciones y lagunas en la investigación con enfoque cualitativo y en los estudios en el contexto brasileño/latinoamericano.

**Palabras clave:** trastornos de alimentación y de la ingestión de alimentos, internet, redes sociales, tecnología de la información, revisión

Transtornos alimentares (TAs) configuram tipos específicos de sofrimento que vêm ganhando relevo na contemporaneidade, sobretudo nas mídias sociais digitais, à medida que as preocupações e insatisfações com a imagem do corpo – ou seja, a compreensão subjetiva da própria aparência – também têm se tornado um assunto de crescente interesse (Moraes et al., 2021; Perloff, 2014; So & Kwon, 2022). Os TAs caracterizam quadros psicopatológicos permeados por graves perturbações no comportamento alimentar (Gil et al., 2022). Em alguns tipos de TAs, como anorexia nervosa (AN) e bulimia nervosa (BN), o indivíduo acometido desenvolve um temor desmedido de ganho de peso em consequência de grave distorção da imagem corporal. Esse aspecto não é observado em outros tipos de TAs, como pica (caracterizada pela ingestão persistente de substâncias sem valor alimentar), transtornos de ruminação (regurgitação repetida de alimentos) e transtorno alimentar restritivo evitativo – Tare (restrição alimentar significativa motivada por falta de interesse, sensibilidade a características sensoriais do alimento ou medo das consequências do ato de comer) (American Psychiatric Association [APA], 2022).

Anorexia e bulimia são os tipos de TAs mais conhecidos e investigados pela literatura científica (Santos et al., 2023). Uma das características clínicas marcantes na AN/BN é que os pacientes buscam obsessivamente alcançar o padrão corporal culturalmente valorizado (Maia et al., 2023; Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Souza et al., 2019). Nas últimas décadas, esse padrão ideal tem sido equiparado à esbelteza, notadamente para mulheres (Santos, Banuth, & Oliveira-Cardoso, 2016; Santos et al., 2019).

Uma dimensão relevante a ser considerada nesse campo – e que frequentemente atravessa os estudos realizados com pessoas com anorexia e bulimia – é o crescente engajamento de usuários(as) nas plataformas e mídias sociais digitais (Moraes et al., 2021, 2024). Pessoas com sintomas ou diagnóstico clínico de TAs têm a configuração de suas redes de apoio social afetada pelo desenvolvimento da psicopatologia, e as trocas estabelecidas nos relacionamentos interpessoais tendem a ser empobrecidas e marcadas por vínculos fragilizados, com laços sociais instáveis e pouco diversificados (Leonidas & Santos, 2014, 2020; Scorsolini-Comin, Souza, & Santos, 2010).

Diante da fragilidade de suas redes pessoais de suporte e da tendência ao isolamento social, devido às dificuldades encontradas no estabelecimento de laços e na comunicação interpessoal (Leonidas & Santos, 2013, 2014; Leonidas et al., 2013), é plausível pensar que jovens acometidas por AN/BN procuram alternativas de apoio social para atenuar o sofrimento psíquico, buscando formar vínculos no ciberespaço (So & Kwon, 2022; Tiggemann & Zaccardo, 2016). Protegidas pelo anonimato, pessoas que mantêm uma relação problemática com a alimentação podem encontrar nos espaços virtuais, como *websites*, *weblogs* e fóruns *on-line*, um canal para poder conversar sobre uma parte significativa de suas vidas geralmente mantida em segredo (So & Kwon, 2022).

O espaço digital também favorece a veiculação e disseminação de discursos que fortalecem crenças, valores e ideais estéticos socialmente hegemônicos relacionados ao corpo, atraindo a atenção de pessoas suscetíveis e propensas a experimentar distorções da imagem corporal (Slater et al., 2017; Tiggemann & Slater, 2017; Tiggemann et al., 2018). No início dos anos 2000,

junto à popularização da internet, surgiu no universo digital um movimento favorável à anorexia e bulimia. Esse fenômeno, inicialmente propagado nos Estados Unidos e na Inglaterra, rapidamente se expandiu para outras nações, tirando proveito da capilaridade da comunicação *on-line* e da expansão da cultura digital (Slater et al., 2017). No Brasil, os *blogs* pró-Ana e pró-Mia surgiram nessa época e ganharam lastro com o advento do *site* de relacionamentos Orkut. Nesse ambiente começaram a proliferar as comunidades virtuais destinadas a congregar tanto as pessoas que estavam em tratamento para superar esses transtornos quanto aquelas que optavam por permanecer com essa condição inalterada (Moraes et al., 2024).

Na sociedade hiperconectada, os conteúdos disseminados na internet sem qualquer mediação ou controle externo, como é o caso dos movimentos pró-anorexia (pró-Ana) e pró-bulimia (pró-Mia), desempenham um papel relevante na configuração das representações coletivas dominantes sobre os ideais de corpo e aparência física na contemporaneidade (Jiotsa et al., 2021). Essas representações alcançam a quase totalidade dos usuários da rede, porém, podem ser mais sensíveis e problemáticas para indivíduos que se encontram em etapa de transição do desenvolvimento físico, emocional e social, como ocorre na adolescência (Mento et al., 2021; Rodgers et al., 2016).

A falta de criticidade e o modo como certos ideais estéticos que configuram o corpo idealizado têm sido ostensivamente expostos nas mídias sociais digitais vão muitas vezes ao encontro de certos modos de funcionamento psíquico comumente observados na clínica dos TAs, contribuindo para validar crenças e valores distorcidos sobre o corpo de pessoas diagnosticadas com AN/BN (Meier & Gray, 2014; Moraes et al., 2024). O isolamento social no qual essas pessoas se encontram imersas constitui um fator de risco adicional, que pode acentuar a dependência do contato com as “bolhas” das redes sociais digitais, colaborando para a continuidade da exposição ao abundante material exibido de maneira indiscriminada pelas páginas digitais de *weblogs* e fóruns *on-line* (Fava & Peres, 2011; Tiggemann & Slater, 2017; Tiggemann & Zaccardo, 2016).

Destarte, os *websites* pró-TAs caracterizam-se como plataformas de disseminação de discursos considerados perniciosos para a saúde pública, atraindo sobretudo jovens insatisfeitas com suas medidas e composição corporal, que frequentemente utilizam esses ambientes como extensão de seu próprio funcionamento psicopatológico (Perloff, 2014). Elas compartilham sua relação peculiar com o próprio corpo e a comida, e muitas vezes utilizam o espaço digital para endossar narrativas e ancorar experiências pessoais de sofrimento (Tiggemann & Zaccardo, 2016). O engajamento acrítico nessas comunidades *on-line* pode incentivar, em alguma medida, a reiteração de práticas pró-TAs (Rodgers et al., 2016; Wooldridge, 2016). Por outro lado, o uso contínuo dessas plataformas e a adesão aos discursos radicais pró-Ana/pró-Mia oferecem alguma compensação para a solidão vivenciada, mitigando o isolamento social no qual as usuárias se encontram (Fava & Peres, 2011; Rodrigues & Cunha, 2025).

Devido à influência que os grupos virtuais pró-Ana e pró-Mia podem exercer sobre a população que apresenta alguma predisposição ou inclinação a endossar padrões disfuncionais de comportamento alimentar, pesquisas vêm sendo conduzidas a fim de que se possa compreender

o que move a criação, o funcionamento e a manutenção dessas comunidades (Fava & Peres, 2011; Perloff, 2014; Wooldridge, 2016) e como esses ambientes podem afetar a saúde mental das pessoas que os frequentam (Moraes et al., 2021). O incentivo a práticas condizentes com os sintomas de TAs pode acarretar graves consequências para a saúde física e psíquica das pessoas engajadas, uma vez que esses *websites* reforçam a relação obsessiva de suas usuárias com o peso e forma corporal, resultando em maior insatisfação com o próprio corpo (Rodgers et al., 2016).

Embora exista um número significativo de pesquisas que abordam o impacto dos *sites* pró-Ana e pró-Mia (Mento et al., 2021; Rodgers et al., 2016; Wooldridge, 2016), constata-se que muitos desses estudos enfrentam desafios metodológicos, como a dificuldade de abordar temas sensíveis e rastrear ou acessar as comunidades virtuais de forma ética e confiável (Fardouly et al., 2015; Perloff, 2014). Embora tenha crescido o debate sobre os riscos dos *websites* pró-TAs, ainda não existe uma integração de resultados de pesquisas sobre esse tema (Rouleau & von Ranson, 2011). A produção do conhecimento nesse campo ainda é dispersa e tem tido recepção modesta por parte da comunidade científica, tendo em vista que grande parte da literatura contempla análises de comunicações das usuárias que são extraídas diretamente das postagens compartilhadas nos *websites*, sem acessar diretamente a experiência vivida das pessoas que os frequentam (Rodgers et al., 2016).

Há diferenças substanciais entre as narrativas de usuários, produzidas no contexto das interações com pares estabelecidas em *sites* específicos disponibilizados no ambiente digital, e as narrativas elaboradas a partir de entrevistas concedidas no contexto de uma interlocução direta com um pesquisador. Essas diferenças de enfoque metodológico podem gerar dados distintos quanto à sua natureza (Minayo & Costa, 2018). No primeiro caso, a visão do pesquisador é baseada no material que a pessoa compartilhou, em determinado momento, em um nicho digital protegido pelo anonimato e que foi, posteriormente, rastreado, extraído e analisado sem o conhecimento ou prévio consentimento do autor. No segundo caso, ainda resguardando a confidencialidade e privacidade da fonte, o material a ser trabalhado consiste na investigação dos pensamentos, percepções e sentimentos expressos pelo usuário das comunidades *on-line*, por meio do acesso a seus relatos produzidos no curso da interação estabelecida com um entrevistador.

Nossa investigação adota a segunda perspectiva, buscando reunir a literatura produzida a partir da escuta direta do usuário, que é incentivado a narrar suas experiências. Isso inclui conhecer o que motiva as pessoas adeptas dos grupos virtuais pró-anorexia e pró-bulimia a buscarem os espaços digitais e examinar as repercussões psicológicas do engajamento em tais comunidades sobre seu comportamento alimentar.

Considerando esse ponto de vista, este estudo se propõe a investigar o fenômeno das comunidades virtuais vinculadas aos movimentos pró-Ana e pró-Mia, que abrange um conjunto de *websites*, *blogs* e fóruns *on-line* que promovem a apologia e manutenção dos TAs como escolha voluntária de um determinado estilo de vida, do ponto de vista de seus usuários. O termo apologia indica o ato de defender, louvar ou exaltar algo. Esse interesse de pesquisa se justifica pela associação do fenômeno investigado com uma questão de saúde pública. Parte-se do

pressuposto de que tais comunidades *on-line* apoiam e difundem comportamentos relacionados à anorexia e bulimia como uma contranarrativa ao discurso hegemônico da saúde, que enquadra e classifica tais condutas como manifestações psicopatológicas de um conjunto de transtornos mentais que tendem a assumir curso crônico e incapacitante e que são considerados desafiantes e de difícil recuperação (Rodgers et al., 2016; Slater et al., 2017; Tiggemann & Slater, 2017).

Considerando esse cenário, foi definido o problema de pesquisa: como os grupos virtuais pró-anorexia e pró-bulimia influenciam o comportamento alimentar de seus usuários? Para responder a essa questão, delineou-se esta revisão de escopo, cujo objetivo é analisar as evidências disponíveis na literatura científica acerca das experiências de usuários de comunidades virtuais pró-TAs e seus efeitos sobre o comportamento alimentar.

### Método

Realizou-se uma revisão de escopo, que consiste em um tipo de revisão da literatura que permite reunir e analisar criticamente estudos realizados na temática de interesse, partindo de uma questão mais ampla para mapear os conceitos-chave que fundamentam um determinado campo de pesquisa, proporcionando a identificação das principais fontes e tipos de evidências disponíveis (Arksey & O'Malley, 2005). Estudos de revisão são considerados imprescindíveis para alavancar um determinado tema de pesquisa ou fazer uma área de investigação avançar (Carvalho et al., 2023). Apesar de proporcionar uma visão mais ampla sobre o panorama dos estudos publicados, a profundidade da revisão pode variar de acordo com seu objetivo e a quantidade de dados extraídos das pesquisas. A escolha do método se deu por ser uma estratégia apropriada para examinar evidências sobre um tema emergente, permitindo elaborar perguntas de pesquisa mais específicas (Peters et al., 2015).

Foram seguidas as seguintes etapas metodológicas: (1) identificação da questão de pesquisa; (2) identificação dos estudos relevantes; (3) seleção dos estudos; (4) mapeamento dos dados; (5) agrupamento, análise e resumo dos achados (Carvalho et al., 2023). Para operacionalização da revisão também foram seguidos os passos metodológicos propostos pelo guia *Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses extension for scoping reviews* (Prisma-ScR) (Tricco et al., 2018).

Para elaboração da questão norteadora e construção da estratégia de busca foi aplicada a estratégia PCC, acrônimo para P = população; C = conceito; C = contexto (Joanna Briggs Institute, 2015). P (população) corresponde aos indivíduos com TAs usuários de grupos virtuais; C (conceito) corresponde aos efeitos da exposição ao ambiente *on-line*; C (contexto): *websites* de comunidades pró-Ana e pró-Mia. Assim, este estudo foi orientado pela questão norteadora: *Quais são as evidências disponíveis na literatura científica sobre as experiências de pessoas (população) usuárias de comunidades virtuais pró-TAs (contexto) e seus possíveis efeitos sobre o comportamento alimentar (conceito)?*

### **Critérios de inclusão do material na revisão**

Foram incluídos artigos publicados em periódicos indexados nas bases: PubMed/MEDLINE, Web of Science, PsycINFO, CINAHL/EBSCO e LILACS, selecionadas pela relevância e abrangência internacional e regional. A construção da estratégia de busca e a consulta às bases contaram com a assessoria de uma profissional bibliotecária com *expertise* em revisões sistemáticas.

Foram considerados como critérios de elegibilidade: (1) estudos primários arbitrados por pares, que investigaram *websites* pró-TAs; (2) estudos disponíveis no formato completo; (3) publicados no período de 2013 a 2023; esse limite do período de busca se justifica considerando que há revisões disponíveis sobre o tema no período anterior (Rouleau & von Ranson, 2011); (4) redigidos em inglês, português ou espanhol; (5) com resultados empíricos de investigações realizadas com membros dos grupos/comunidades virtuais de interesse; (6) que utilizaram como instrumento de pesquisa entrevista, questionário padronizado e/ou medidas de autorrelato.

Foram definidos os critérios de exclusão: (1) publicações que não se configuravam como estudos primários, com resultados originais de pesquisa; (2) apresentação sob formato de dissertação, tese, capítulo de livro, livro, manual, editorial, resenha, carta, comentário, notícia ou crítica, considerando que o método empregado não admite literatura cinzenta e publicações não arbitradas ou revisadas por pares; (3) estudos de revisão da literatura, metanálise e metassíntese; (4) ensaios ou artigos teóricos; (5) estudos cuja fonte primária de dados incluía, mas não se limitava a capturar *posts* compartilhados nos *websites* pelos usuários; (6) artigos distantes do conceito de interesse ou relacionados a outros temas (por exemplo, estudos dedicados a problemas de saúde que não são categorizados como TAs, como obesidade).

### **Procedimentos de coleta dos dados documentais**

Foi realizada a busca em todas as bases de dados no dia 17 de agosto de 2023, por meio do sistema do Portal de Periódicos Capes com acesso via VPN (Virtual Private Network – Rede Privada Virtual) facultado pela instituição de afiliação da equipe de pesquisa. A estratégia de busca PCC foi utilizada para combinar os descritores correspondentes a cada letra do acrônimo, após serem escolhidos os termos de busca apropriados para cada base de dados. Os termos foram escolhidos nas listas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), *Medical Subject Headings* (MeSH) e *Thesaurus of Psychological Index Terms* (APA Thesaurus), de acordo com as exigências de cada base.

Para a composição do *corpus* de pesquisa foram utilizados os termos Eating Disorders OR Feeding and Eating Disorders OR Anorexia OR Bulimia OR Body Dissatisfaction OR Drive for Thinness AND Pró-Ana OR Pró-Mia OR Pró-Eating Disorders OR Online Communities OR Social Network OR Social Media OR Blogs OR Electronic Publications, e seus correspondentes em espanhol e português, no singular e plural, e com uso de diferentes trilhas de associações entre os termos. Para uniformizar as buscas em cada fonte, os *entry-terms* foram combinados utilizando-se os operadores booleanos OR entre os descritores elencados em cada letra do acrônimo e AND entre o conjunto de descritores correspondentes às três letras da seguinte forma: (P1 OR P2 OR Pn) AND (C1 OR C2 OR Cn) AND (C1 OR C2 OR Cn). A ferramenta de “busca avançada” foi



utilizada nas bases de dados. A busca foi limitada ao período de janeiro de 2013 a julho de 2023, mediante uso do filtro temporal. A estratégia completa de busca eletrônica, com as trilhas de descritores e formatos utilizados, incluindo os limites utilizados, encontra-se sistematizada na Tabela 1.

Tabela 1

Descritores e palavras-chave utilizados nas buscas

| Acrônimo  | Descritores e palavras-chave                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| População | Eating Disorders OR Transtorno Alimentar OR Feeding and Eating Disorders OR Anorexia OR Transtorno da Alimentação e da Ingestão de Alimentos OR Bulimia OR Imagem corporal OR Body Image Disorder OR Feeding behavior OR Comportamento alimentar |
| Conceito  | Electronic Publications OR Publicações Eletrônicas OR Publicaciones Electrónicas OR Pró-Ana OR Pró-Mia OR Pró-Eating Disorders OR Body Dissatisfaction OR Insatisfação corporal OR Drive for Thinness                                            |
| Contexto  | Social Media OR Mídias Sociais OR Medios de Comunicación Sociales OR Blogs OR Blogging OR Social Network OR Redes Sociais OR Redes Sociales OR Online Communities OR Comunidades Online                                                          |

Todas as etapas, desde a seleção até a organização dos temas, foram realizadas de forma independente por dois revisores com *expertise* em revisões sistemáticas. As buscas foram realizadas com amparo do *software* de gerenciamento de referências Rayyan for Systematic Reviews® (Ouzzani et al., 2016). Após a etapa preliminar de seleção dos estudos, as listas elaboradas pelos avaliadores foram cotejadas para verificação da concordância entre os dois conjuntos de dados quanto à inclusão ou exclusão dos artigos. O índice de concordância entre os dois juízes foi considerado satisfatório (coeficiente Kappa = 0,80). As discordâncias foram examinadas por um terceiro avaliador, com larga experiência em métodos de revisão sistemática, e resolvidas por consenso.

Procedimentos de análise

Os artigos que preencheram os critérios de inclusão foram selecionados e recuperados na íntegra, constituindo o *corpus* da pesquisa. A etapa seguinte consistiu na extração dos dados de interesse para responder ao objetivo da revisão, utilizando para tanto um formulário previamente testado pela equipe de pesquisa, composto pelos campos: autoria, ano, procedência, contexto, objetivo, desenho metodológico, instrumentos, nível de evidência, estratégias de coleta e análise dos resultados. Novamente, dois avaliadores realizaram, de forma independente, a extração dos dados, com cegamento. Os conteúdos foram exportados para uma planilha do Microsoft Office®Excel versão 2016, e cotejados, gerando um documento único.

Para avaliação crítica das fontes de evidência incluídas foi verificada a qualidade metodológica com a ferramenta Critical Appraisal Skills Program – Casp (2018) e utilizada a classificação dos Níveis de Evidência (NE) proposta por Melnyk e Fineout-Overholt (2005).

Os resultados foram analisados de modo descritivo e qualitativo. Os dados qualitativos foram compilados, organizados e posteriormente submetidos à análise temática (Minayo & Costa, 2018) com auxílio do *software* Atlas-ti 23. O processo para realizar a síntese narrativa dos dados

permitiu resumir os tópicos encontrados nos artigos selecionados e desenvolver seus temas centrais, com foco no objetivo e na pergunta de pesquisa. A análise ocorreu em três etapas: (a) pré-análise, (b) exploração do material e (c) tratamento dos resultados obtidos (Minayo & Costa, 2018).

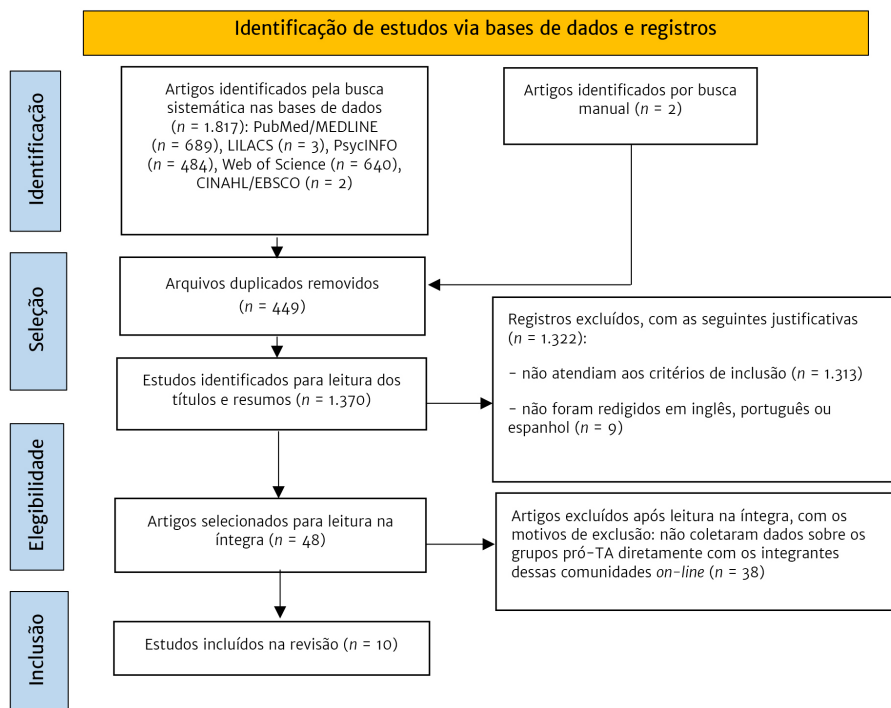
Por meio desses procedimentos, foram elaborados três temas: (1) Organização e funcionamento dos grupos *on-line* pró-TAs; (2) Percepção das participantes sobre as comunidades *on-line* pró-TAs; (3) O papel dos grupos virtuais pró-TAs no processo de recuperação da saúde. Os dados foram criteriosamente organizados de acordo com os conteúdos prevaletentes no *corpus* investigado e analisados de acordo com as recomendações consagradas pela literatura (Joanna Briggs Institute, 2015).

### Resultados e discussão

A Figura 1 apresenta o fluxograma da revisão integrativa, elaborado segundo as diretrizes Prisma 2000 (Matthew et al., 2021).

**Figura 1**

Fluxograma de etapas de busca e seleção dos artigos segundo as diretrizes Prisma 2020 (Matthew, et al., 2021)



Foi identificado, na busca inicial, um total de 1.817 artigos. Dois estudos foram recuperados manualmente a partir das referências de artigos selecionados. Do total de registros identificados, foram removidos 449, que apareceram duplicados em diferentes bases indexadoras, sendo selecionados 1.370 artigos para a leitura e análise de títulos e resumos. Destes, 1.322 foram descartados com o uso do Rayyan; 48 artigos foram considerados compatíveis com os critérios de elegibilidade e recuperados na íntegra para leitura e análise. Desse total, foram recuperados 46 artigos disponíveis na íntegra por meio do sistema VPN. O acesso aos dois documentos restantes foi obtido por meio de contato direto com o primeiro autor de cada artigo. Após a leitura na íntegra, 38 registros foram descartados por não incluírem dados obtidos diretamente com os usuários das comunidades Pró-TAs. O refinamento da busca resultou na amostra final composta por dez artigos.

### **Apreciação das características gerais dos artigos que compõem o *corpus* do estudo**

Considerando a influência que o contexto sociocultural no qual a pesquisa é produzida exerce sobre o enfoque sob o qual o tema é investigado, torna-se relevante analisar os países de origem dos autores dos estudos que compõem o *corpus* de análise. Utilizando como critério o local de filiação institucional do primeiro autor, nota-se que quatro estudos foram desenvolvidos por autores estadunidenses, quatro artigos foram produzidos por pesquisadores vinculados a centros de pesquisa europeus (dois do Reino Unido, um da França e um da República Tcheca), um de Israel e um do Peru. O predomínio de publicações produzidas no Norte Global sinaliza os eixos hegemônicos da produção científica e é consistente com as tendências observadas por outros estudos de revisão (So & Kwon, 2022).

Em relação às áreas focalizadas, os periódicos concentraram-se em temas das ciências nutricionais (44,4%), seguidos da área de saúde (33,3%), psicologia (11,1%) e ciências sociais (11,1%). Apenas um terço das publicações concentrou-se em periódicos especializados na temática dos TAs. Mesmo que uma das bases utilizadas na pesquisa (LILACS) indexe predominantemente artigos produzidos nos países da América Latina e do Caribe, apenas um dos estudos selecionados foi produzido por autor oriundo da América do Sul (Peru). Esse dado sugere uma lacuna de pesquisas realizadas no contexto latino-americano sobre o assunto. Todos os artigos incluídos foram publicados em inglês, ainda que os critérios de inclusão estabelecidos tenham contemplado estudos nos idiomas português e espanhol. Em relação à data de publicação, observou-se que o tema tem sido discutido regularmente na literatura pelo menos desde 2014.

Quanto ao desenho metodológico, a totalidade dos estudos adotou um delineamento transversal. Sete utilizaram métodos qualitativos e três empregaram abordagem quantitativa. O conjunto de artigos revisados abrangeu um total de 20.266 participantes. Nos estudos quantitativos, houve predomínio de amostras robustas, envolvendo entre 405 e 18.709 sujeitos (média: 6.704,67). Nos estudos qualitativos, o número de participantes variou de 6 a 37 (média: 21,71), recrutados em perfis de usuários das comunidades virtuais pró-TAs.

Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados e escalas de auto-preenchimento e/ou de entrevistas individuais, em sua maior parte semiestruturadas, aplicadas de forma presencial ou remota. O enfoque dos estudos foi predominantemente descritivo e os instrumentos utilizados visaram coletar dados não apenas sobre as experiências dos participantes nos grupos *on-line*, mas também sobre a (in)satisfação corporal, comportamento alimentar e grau de contentamento com o tratamento.

A Tabela 2 sistematiza as informações relacionadas a autor e ano de publicação, contexto no qual a pesquisa foi conduzida, objetivo, delineamento e amostra, instrumentos utilizados, risco de viés de cada estudo, a partir do exame do nível de evidência (NE) e da avaliação dos principais resultados encontrados.

**Tabela 2**  
*Caracterização dos estudos segundo autoria, ano, procedência, contexto, objetivo, delineamento, instrumentos, nível de evidência, estratégias e resultados obtidos.*

| Autores / ano          | País        | Contexto investigado | Objetivo                                                        | Delineamento / amostra                                                                           | Instrumentos                                 | NE* | Estratégias / principais resultados                                                                                                                   |
|------------------------|-------------|----------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Casilli et al. (2014)  | França      | Websites pró-Ana     | Identificar padrões globais em um fórum <i>on-line</i> pró-Ana. | Qualitativo, transversal. N=37 jovens e adultas (amostra 100% feminina).                         | Entrevista semiestruturada                   | 6   | Mais orientações pró-recuperação podem surgir quando as condições de uso do fórum <i>on-line</i> são controladas.                                     |
| Yeshua-Katz (2015)     | EUA         | Blogs pró-Ana        | Analisar os relatos dos blogueiros responsáveis.                | Qualitativo, transversal. N=33 adultas (amostra 100% feminina).                                  | Entrevista semiestruturada                   | 6   | Para proteger o grupo de usuários da estigmatização, os administradores de blogs pró-TAs reinventam suas próprias normas no ambiente <i>on-line</i> . |
| Almenara et al. (2016) | Peru        | Websites pró-Ana/Mia | Explorar eventuais diferenças na exposição a sites pró-TAs.     | Quantitativo, transversal. N=18.709 adolescentes (amostra 50% feminina, 50% masculina).          | Questionários autopreenchidos <i>on-line</i> | 4   | Busca de novas sensações e desinibição <i>on-line</i> foram as motivações associadas a maior exposição aos websites pró-Ana e pró-Mia.                |
| Yom-Tov et al. (2016)  | Israel      | Websites pró-Ana     | Examinar diferenças na exposição a sites pró-TA.                | Quantitativo, transversal. N=1.000 (amostra 70,3% feminina, 1,4% masculina, 28,3% sem resposta). | Questionário <i>on-line</i>                  | 3   | Os usuários também se interessavam em discutir e saber mais sobre questões relacionadas ao tratamento.                                                |
| Gale et al. (2016)     | Reino Unido | Websites pró-TAs     | Analisar o acesso e uso continuado de sites pró-TA.             | Qualitativo, transversal. N=7 adultas (amostra 100% feminina).                                   | Entrevista semiestruturada                   | 6   | Os websites favorecem a sensação de apoio, validação pessoal e segurança das usuárias com TAs.                                                        |
| Firkins et al. (2019)  | Reino Unido | Websites pró-Ana     | Explorar a decisão de desengajamento dos sites.                 | Qualitativo, transversal. N=6 adultas (amostra 100% feminina).                                   | Questionário e entrevistas                   | 6   | O desengajamento dos sites pró-TAs mostrou ser um requisito central para a recuperação do transtorno.                                                 |

(continua)

Tabela 2

Ccaracterização dos estudos segundo autoria, ano, procedência, contexto, objetivo, delineamento, instrumentos, nível de evidência, estratégias e resultados obtidos. (continuação)

| Autores / ano                   | País             | Contexto investigado                | Objetivo                                                                              | Delineamento / amostra                                                                                     | Instrumentos                          | NE* | Estratégias / principais resultados                                                                                                                   |
|---------------------------------|------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Smahelova et al. (2020)         | República Tcheca | Plataformas pró-TAS                 | Investigar prejuízos e benefícios percebidos no uso dos sites pró-TAS.                | Qualitativo, transversal. N=30 adultas (amostra 100% feminina).                                            | Entrevista semiestruturada            | 6   | As mulheres buscavam nos websites obter apoio para suas necessidades de perder peso ou, ao contrário, para manterem sua motivação para a recuperação. |
| Fitzsimmons-Craft et al. (2020) | EUA              | Websites pró-TAS                    | Examinar a exposição a conteúdos de imagem corporal nas plataformas digitais.         | Quantitativo, transversal. N=405 adolescentes (amostra 100% feminina).                                     | Questionários autopreenchidos on-line | 3   | Cerca de 84% dos sintomas autorrelatados pelas adolescentes eram consistentes com manifestações clínicas ou subclínicas de TAS.                       |
| Jones et al. (2022)             | EUA              | Comunidades on-line pró-recuperação | Examinar como as comunidades on-line podem auxiliar na recuperação dos TAS.           | Qualitativo, transversal. N=29 adolescentes e adultos (amostra 86,2% feminina, restante não especificado). | Questionário e entrevista aberta      | 6   | Os websites ajudam os usuários a se sentirem conectados uns aos outros e aceitos por suas lutas e conquistas obtidas ao longo do tratamento para TAS. |
| Mincey & Hollenbaugh (2022)     | EUA              | Websites pró-TAS                    | Explorar as experiências de jovens adultos envolvidos com as mídias digitais pró-TAS. | Qualitativo, transversal. N=10 adolescentes e adultos (amostra 80% feminina, 20% masculina).               | Escala de satisfação corporal         | 6   | O engajamento nas comunidades pró-TAS se dá por curiosidade, busca de compreensão, necessidade de obter apoio, segurança e senso de controle.         |

\* O nível de evidência (NE) foi avaliado em concordância com a classificação proposta por Melnyk e Fineout-Overholt (2005). NE 6 compreende estudos com evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; NE 3 corresponde a evidências obtidas com base em ensaios clínicos bem delineados sem randomização; NE 4 corresponde a evidências provenientes de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados.

Foi verificada a qualidade metodológica de acordo com o instrumento Critical Appraisal Skills Program – Casp (2018) (Tabela 3). Sete estudos foram classificados com escore máximo (10) e três com escore 9, indicando alto nível de qualidade metodológica e baixo risco de viés.

Tabela 3

Avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos na revisão, de acordo com a ferramenta Critical Appraisal Skills Program (Casp)

| Autores e ano de publicação    | 11 | 12 | 13 | 14 | 55 | 56 | 77 | 88 | 99 | 110 | Total |
|--------------------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-------|
| Casilli et al., 2014           | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Yeshua-Katz, 2015              | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Almenara et al., 2016          | ✓  | x  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 99    |
| Yom-Tov et al., 2016           | ✓  | x  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 99    |
| Gale et al., 2016              | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Firkins et al., 2019           | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Smahelova et al., 2020         | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Fitzsimmons-Craft et al., 2020 | ✓  | x  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 99    |
| Jones et al., 2022             | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |
| Mincey & Hollenbaugh, 2022     | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓  | ✓   | 110   |

Nota: Recuperado de Critical Appraisal Skills Programme (2018). Casp (Qualitative) Checklist. [on-line].  
✓ : sim; ? : inconclusivo; x: não

Questões do controle de qualidade do Critical Appraisal Skills Program (Casp)

- 1. Houve uma declaração clara dos objetivos da pesquisa?
- 2. A metodologia qualitativa é apropriada?
- 3. O desenho da pesquisa foi apropriado para atender aos objetivos da pesquisa?
- 4. A estratégia de recrutamento foi adequada aos objetivos da investigação?
- 5. Os dados foram recolhidos de forma a abordar o problema da investigação?
- 6. A relação entre pesquisador e participantes foi adequadamente considerada?
- 7. As questões éticas foram levadas em consideração?
- 8. A análise dos dados foi suficientemente rigorosa?
- 9. Houve uma declaração clara das conclusões?
- 10. Ficou claro qual é o valor da pesquisa?

Utilizando o procedimento de análise temática, foram organizados três temas centrais: (1) Organização e funcionamento dos grupos *on-line* pró-TAs; (2) Percepção das participantes sobre as comunidades *on-line* pró-TAs; (3) O papel dos grupos virtuais pró-TAs no processo de recuperação da saúde.

Tema 1: Organização e funcionamento dos grupos *on-line* pró-TAs

A maioria dos artigos não especificou quais foram os *websites* e fóruns *on-line* utilizados pelos usuários. Os estudos apenas informaram que foram selecionados indivíduos com base em seus transtornos autorrelatados e que esses usuários interagem em comunidades pró-Ana. As redes sociais digitais mais utilizadas, de acordo com o estudo de Fitzsimmons-Craft et al. (2020), foram: Instagram, Snapchat, Facebook, Tumblr, YouTube, Twitter e Reddit. Alguns *blogs* característicos de conteúdos pró-TAs também foram identificados na pesquisa de Yom-Tov et al. (2016), como: Myproana, Pro-Ana Nation e Proanorexia.

Quanto ao diagnóstico dos participantes, nota-se predomínio de AN em comparação com os demais tipos de TAs mencionados nos estudos (BN e Transtorno Alimentar Não Especificado – Tane) (Casilli et al., 2014; Jones et al., 2022). No estudo de Firkins et al. (2019) todos os participantes relataram ter recebido anteriormente um diagnóstico clínico de TA, incluindo AN, BN e Tane. Fitzsimmons-Craft et al. (2020) comentam que, como os participantes foram selecionados a partir de um convite *on-line* realizado em plataformas digitais, assim como se observa na maioria dos estudos (Almenara et al., 2016; Casilli et al., 2014; Firkins et al., 2019; Mincey & Hollenbaugh, 2022; Smahelova et al., 2020; Yeshua-Katz et al., 2015; Yom-Tov et al., 2016), o critério de ter um diagnóstico clínico formal não poderia ser totalmente atendido. Apesar disso, Fitzsimmons-Craft et al. (2020) argumentam que tais dados já são significativos para justificar um provável diagnóstico que poderia, eventualmente, ser corroborado por profissional de saúde. Apenas nos estudos de Gale et al. (2016) e Jones et al. (2022) os autores se preocuparam em assegurar o diagnóstico clínico dos participantes.

Ao examinar a estrutura dos *sites*, observam-se particularidades que abrangem tanto aspectos socioculturais quanto características próprias de funcionamento e manejo dos grupos *on-line*. A crescente popularidade dos conteúdos sobre TAs que circulam nas redes sociais, combinada à pressão exercida pelos padrões estéticos relativos ao peso e formato corporal que perpassam o ambiente virtual (Jett et al., 2010) e incidem especialmente sobre o público feminino (Brown & Tiggemann, 2016), resultam no predomínio quase absoluto de mulheres frequentadoras das comunidades pró-TAs (Almenara et al., 2016; Harmon & Rudd, 2019).

Com base nos resultados obtidos, podem ser elencados três fatores cruciais para o entendimento dos *websites* e *blogs* pró-Ana e pró-Mia. Primeiramente, a posição hierárquica, que é ostensivamente exposta e reforçada por meio das postagens e que regula a utilização e os comportamentos dos usuários. A hierarquia de prestígio baseia-se em critérios como o nível em que se encontra a sintomatologia do TA do usuário e seu engajamento pessoal nas postagens (Yeshua-Katz, 2015). Os indivíduos são classificados de acordo com sua participação mais ativa ou passiva nas comunidades (Gale et al., 2016). Os participantes ativos são aqueles que publicam conteúdos relacionados ao próprio transtorno e utilizam o espaço virtual de forma semelhante a um diário particular. Os participantes passivos configuram-se como aqueles que apenas contribuem com o funcionamento do *website* na condição de visualizadores das publicações dos membros ativos, podendo, ocasionalmente, comentar determinadas postagens compartilhadas (Casilli et al., 2014). Os membros ativos são posicionados no topo da hierarquia da comunidade *on-line*.

No estudo de Gale et al. (2016), observou-se que os membros que participavam passivamente da comunidade relataram que utilizavam essa via de acesso ao grupo por se sentirem menos valorizados em comparação com os que compartilhavam postagens sobre seus próprios sintomas de TA. O sistema hierárquico contribui para que os usuários, principalmente aqueles que utilizam o espaço apenas como visualizadores, acreditem que não estão doentes o bastante para se preocuparem em ter um diagnóstico de TA, o que pode levá-los a minimizar a gravidade

de seus sintomas (Mincey & Hollenbaugh, 2022). Por outro lado, quanto mais publicações são disseminadas e quanto mais grave aparenta estar o quadro clínico do TA, mais bem-visto o membro será pelo restante do grupo e mais importante e bem avaliado ele se torna segundo a lógica da hierarquia de prestígio (Yeshua-Katz, 2015).

O segundo ponto a ser destacado é a questão da distorção da imagem corporal associada ao transtorno. Essa temática é recorrente nos *posts* compartilhados nas comunidades *on-line*. As mensagens tendem a normalizar os comportamentos autolesivos, tratando-os como expressões de um estilo de vida que se escolhe adotar voluntariamente, encorajando os usuários a aprimorar suas estratégias de emagrecimento e a avançar no grau de gravidade de seus sintomas (Bardone-Cone & Cass, 2007; Gale et al., 2016; Mincey & Hollenbaugh, 2022). Por fim, o terceiro aspecto diz respeito ao receio de rejeição social, que revela uma necessidade acentuada de aceitação vivenciada pelos participantes, expressa em atitudes e crenças compartilhadas em suas postagens (Casilli et al., 2014; Fitzsimmons-Craft et al., 2020; Gale et al., 2016; Jones et al., 2022; Mincey & Hollenbaugh, 2022; Yeshua-Katz, 2015).

Outra perspectiva analisada diz respeito à negociação de significados atribuídos à auto-ridade. Essa temática foi explorada em membros de um grupo pró-TA investigado por Yeshua-Katz (2015). O estudo buscou delimitar os critérios que definem quem pode ou não ingressar e pertencer à comunidade. Os participantes relataram a presença de alguns indivíduos que, aos seus olhos, não se caracterizavam como pessoas com anorexia ou bulimia. Eles eram designados como *wannarexics*, um termo pejorativo. Na percepção dos participantes, as pessoas *wannarexics* se aproximavam da comunidade com a única intenção de obter informações que as auxiliassem a emagrecer de forma rápida – por exemplo, mediante o uso de métodos compensatórios ou purgativos. Contudo, a presença desses sujeitos não era bem-vista pelas pessoas que estavam no grupo há mais tempo e que se consideravam legítimas integrantes da comunidade por sofrerem de algum tipo de TA. A livre circulação de pessoas *wannarexics* pelas comunidades pró-TAs poderia “descredibilizar” a seriedade do grupo e a gravidade do diagnóstico que os membros “legítimos” se comprazem em ostentar.

Os participantes relataram incômodo ao identificarem usuários saudáveis que falavam do TA como se fosse um atributo pessoal positivo e/ou desejável (Borzekowski et al., 2010). Os participantes sentiam que a intimidade de seu refúgio grupal estava sendo invadida e consideravam os “outros” como usurpadores do único espaço de que dispunham para socialização. Os assim considerados pseudomembros da comunidade eram cancelados e excluídos virtualmente dos grupos, na tentativa de resguardar o espaço para aqueles que estão em situação de sofrimento psíquico genuíno (Yeshua-Katz, 2015).

A liberdade de se mostrar da maneira como desejar, facilitada pela possibilidade de proteger suas identidades por trás de um perfil virtual, é uma das maiores vantagens percebidas pelos usuários dos grupos pró-TAs. Em pessoas que apresentam diagnóstico clínico, observa-se um sentimento persistente de vergonha por manifestar comportamentos identificados como transtornados. Esse sentimento parece ser acentuado pelo temor de exposição pública de seus



hábitos e sintomas alimentares, o que suscita o desejo de acobertá-los diante do grupo social/familiar, como defesa contra a estigmatização social (Almenara et al., 2016; Casilli et al., 2014; Gale et al., 2016; Nechita et al., 2021). Assim, aqueles que estão transitando nos ambientes pró-TAs contam com a garantia do sigilo e proteção do anonimato para preservar sua identidade, de maneira a evitar o constrangimento que possivelmente sentiriam em um relacionamento *off-line* (Walther & Boyd, 2002).

Walther e Boyd (2002) destacam que, com o ingresso nas comunidades pró-Ana, o indivíduo sente-se à vontade para poder expressar seus sentimentos sobre o próprio transtorno de forma mais livre, segura e protegida do que no mundo *off-line*. Almenara et al. (2016) mencionam o efeito da desinibição *on-line* para explicar por que o contexto virtual oferece conforto mesmo quando há interação social fora do ambiente digital, justamente por não implicar um contato tão direto e ostensivo. Desinibição *on-line* designa o fenômeno no qual o indivíduo se sente menos contido ou inibido em ambientes digitais, comparado a interações presenciais. A mediação da comunicação pelo uso de tecnologia que sustenta a realidade virtual pode auxiliar as pessoas com TAs a compartilhar suas narrativas e experiências, tanto as relacionadas à psicopatologia em si quanto à vida de modo geral, sem que a vergonha e a autocritica tenham efeito inibitório ou funcionem como estressores (Smahelova et al., 2020).

A garantia do anonimato é outro fator facilitador que contribui para o ambiente permissivo no qual a pessoa se sente segura para se mostrar de fato “como ela é”. Isso supre em parte a necessidade de encontrar o senso de autonomia e de identidade própria, que são déficits desenvolvimentais recorrentes nos indivíduos com TAs (Fava & Peres, 2011). No funcionamento psicodinâmico dessas pessoas nota-se uma recusa do desejo e um repúdio do outro. Essas defesas são intensificadas pelo modelo indiferenciado de relação objetal e pelas tentativas frustradas de criar uma personalidade própria. Ao se tornarem frequentadoras das comunidades pró-TAs, as pessoas vislumbram uma oportunidade de assumir controle sobre suas vidas, ainda que seja uma experiência ilusória, pois se apoia em fantasias onipotentes descoladas da realidade. O ambiente relativamente seguro e confiável propiciado pelos sites pró-Ana abastece a ilusão de que elas podem continuar a viver em sua “bolha” distante da realidade e das responsabilidades do mundo adulto, o que inclui ter de cuidar de si próprias e enfrentar frustrações e obstáculos para realizar seus projetos de vida (Almenara et al., 2023; Gale et al., 2016; Mincey & Hollenbaugh, 2022).

## **Tema 2: Percepção das participantes sobre as comunidades *on-line* pró-TAs**

Ao se inserirem nos ambientes pró-Ana e pró-Mia, os participantes das comunidades virtuais passam a consumir maciçamente os conteúdos expostos nos *blogs*, redes sociais e plataformas digitais. Tais materiais não só reafirmam como incrementam, de diversas maneiras, suas próprias visões distorcidas sobre o comportamento alimentar, exaltando o transtorno como um modo de vida e enaltecendo as pessoas que conseguem manter seus sintomas ativos (Gale et al., 2016; Ging & Garvey, 2018; Mincey & Hollenbaugh, 2022). Essas pessoas são glorificadas como

determinadas, decididas e obstinadas, e se diferenciam das demais pelo alto grau de controle sobre suas próprias necessidades básicas.

Na perspectiva dos profissionais de saúde, os *websites* pró-Ana são percebidos como espaços fechados que validam o estilo de vida anoréxico ao oferecerem dicas, truques e imagens (*thinspirations*, inspirações para ficar magro), além de sugestões de condutas para provocar autolesão intencional, cortes e escarificações na pele, que ajudam os usuários a alcançar baixo peso corporal, obter alívio e ter uma compensação vicária para o sofrimento (Almenara et al., 2016; Firkins et al., 2019; Ging & Garvey, 2018; Yom-Tov et al., 2016). Opiniões e modelos de comportamento compartilhados nesses ambientes caminham na direção oposta aos padrões biomédicos preconizados para a manutenção da boa saúde e do bem-estar do indivíduo (Gale et al., 2016; Smahelova et al., 2020). Por outro lado, o uso dos *sites* pró-TAs como um lugar seguro e protegido, que reforça o senso de pertencimento, é um significado recorrente produzido nos relatos de quem está envolvido nesses contextos. A tendência à comparação social e o encorajamento à adoção de comportamentos de risco também são questões comumente reveladas pelas pesquisas (Gale et al., 2016; Jones et al., 2022; Mincey & Hollenbaugh, 2022).

Estudos realizados com pacientes com diagnóstico clínico de TAs apontam a internalização do ideal de magreza extrema e a forte tendência à comparação pela via da aparência física (Ging & Garvey, 2018). Na fase em que os sintomas estão ativos, fica claro que, para muitos indivíduos com TAs, vale o mantra do “quanto pior, melhor”. Quando entram em contato com alguém que está mais esquelético e debilitado do que eles, e que consegue, estoicamente, manter seu jejum prolongado ou perseverar em seus comportamentos compensatórios, as pessoas com TAs relatam que sentem inveja e podem até ficar deprimidas por não terem alcançado aquele “padrão de perfeição” que a outra supostamente atingiu (Harmon & Rudd, 2019; Leonidas & Santos, 2020).

Uma das consequências negativas apresentadas pelo uso contumaz dos *websites* pró-TAs é a normalização da psicopatologia como um estilo de vida almejado (Gale et al., 2016; Mincey & Hollenbaugh, 2022). Esse fenômeno fica patente na exaltação das práticas que favorecem manifestações psicopatológicas e que criam uma noção de comunidade em torno dos adeptos de tal ideologia, o que unifica os membros entre si e os separa ainda mais do restante da sociedade (Mincey & Hollenbaugh, 2022; Smahelova et al., 2020).

A percepção distorcida dos sintomas aparece evidenciada no estudo de Fava e Peres (2011), que entendem esse fenômeno como uma evidência da negação da natureza psicopatológica do transtorno. Os autores argumentam que há relação entre a perturbação da autoimagem, encontrada em quem desenvolve o quadro psicopatológico, e a clivagem entre o ego e o próprio corpo. A evidência de que os sintomas de AN ou de outros tipos de TAs passam a ser considerados hábitos alimentares normais dentro das comunidades pró-Ana (“um costume sadio”), somada à perturbação da autoimagem, revela uma tentativa de defesa do aparelho psíquico diante de uma realidade percebida como insuportável, em um movimento de denegação que se estende à condição fragilizada na qual o indivíduo se encontra (Gale et al., 2016; Mincey & Hollenbaugh, 2022). Fava e Peres (2011) complementam esse argumento afirmando que o aparelho psíquico

passa a falsear a realidade. Isso faz com que o indivíduo adoecido acredite que realmente pode exercer controle onipotente sobre o próprio corpo e que domina as manifestações sintomáticas do transtorno. Ele só não tem consciência de que sua “escolha” está pautada na negação do desamparo primordial e na recusa da castração simbólica, elementos estruturantes do psiquismo e que organizam o funcionamento mental.

O estabelecimento das comunidades pró-Ana se assenta na debilidade do teste de realidade, colapsado pelas deturpações do funcionamento do aparelho psíquico, que se amplificam no espaço digital compartilhado. Os integrantes dos grupos determinam autocraticamente aquilo que acreditam ser real e aquilo ao qual se recusam a atribuir estatuto de realidade. As crenças compartilhadas no ambiente digital são muitas vezes marcadas por sentimentos de arrogância e superioridade, que tendem a se agravar conforme se acentuam as manifestações do transtorno (Gale et al., 2016; Yeshua-Katz, 2015). A partir do instante em que se cria essa visão hierarquizada, emergem também outros dois fenômenos característicos desses *websites*: a propensão à comparação social e a intensa competitividade. Com a publicação de fotos e narrativas que detalham comportamentos restritivos e/ou purgativos, os membros do grupo passam a se comparar com aqueles que mais publicam conteúdos sobre suas vidas privadas e que estão com os sintomas mais aparentes e agravados, competindo entre si para ver “quem está pior” (Mincey & Hollenbaugh, 2022). Fotos de corpos esqueléticos e descarnados, com ossos expostos, são valorizadas e o perfil de quem as expõe ocupa uma posição elevada na hierarquia grupal.

O estudo de Gale et al. (2016) concluiu que, quando as comparações intergrupais eram realizadas de maneira desfavorável (ou seja, quando o indivíduo não identificava fortes semelhanças com o outro), sentimentos de inadequação, ciúme e fracasso eram relatados. Para os autores, o sentimento de inferioridade muitas vezes fomenta o desejo dos usuários de avançarem e investirem mais sofregamente no agravamento de seu transtorno, revelando o alto grau de competitividade tóxica existente dentro das comunidades.

Em contrapartida, Jones et al. (2022) identificaram um aspecto positivo no impulso de comparação, que acontece, comumente, nas interações estabelecidas dentro das comunidades pró-TAs, destacando que essa tendência também poderia favorecer a recuperação. Os autores comentam que a propensão à comparação social, também observada nos dispositivos tradicionais de tratamento, pode ter um lado saudável quando a pessoa se compara com alguém que está se recuperando mais rapidamente dos seus sintomas e se sente motivada a continuar empenhada em seu próprio processo de superação.

É interessante notar que, apesar de a postura de exaltação de comportamentos de risco permear os diálogos mantidos nos grupos pró-TAs, também fomenta um sentimento de solidariedade entre os integrantes que compartilham esses conteúdos (Wooldridge, 2016). Mincey e Hollenbaugh (2022) ilustram essa ambivalência com a fala de uma participante que comentou que se sentia agradecida por ter recebido dicas e conselhos da comunidade sobre como não desgastar seus dentes ao praticar a purgação, protegendo o esmalte dentário dos efeitos danosos dos vômitos autoinduzidos.

De certo modo, o compartilhamento de mensagens que fazem apologia aos TAs chega até o outro como uma forma de cuidado e afago, pois auxilia na manutenção do sentimento de pertença que se observa amiúde dentro das comunidades pró-Ana. Assim, os resultados de algumas pesquisas reiteram como as comunidades pró-TAs também contribuem para promover um sentimento individual de fazer parte de “algo maior”, o que mitiga as vivências de solidão decorrentes da fragilização da rede pessoal, do empobrecimento dos vínculos afetivos e das dificuldades acentuadas de se relacionar (Gale et al., 2016; Jones et al., 2022). Desse modo, as pessoas que estão com o transtorno ativo encontram, nos ambientes virtuais, não só um local onde podem discorrer abertamente sobre suas experiências de padecimento ou se afastarem de experiências dolorosas como também percebem que, ao se autorrevelarem, não serão julgadas e estigmatizadas como ocorre amiúde no ambiente *off-line* (Gale et al., 2016; Jones et al., 2022).

A adesão às comunidades virtuais confere aos membros uma posição de agência pessoal (Firkins et al., 2019). O estudo de Yeshua-Katz (2015) destaca que o senso de comunidade é estabelecido como forma de resistência tanto ao estigma social associado ao transtorno mental quanto ao anátema de ser integrante de uma comunidade virtual desprestigiada, formada por *outsiders* e desajustados. Isso contribui para que a união dos usuários em torno de um ideal comum possa ser estabelecida e intensificada, reforçando os laços de identificação imaginária entre os pares e incrementando a coesão grupal, o que, por sua vez, fortalece o senso de pertencimento comunitário. Desse modo, pertencer às comunidades pró-TAs parece fornecer algum tipo de abrigo, compensação e sensação de aconchego para suas usuárias.

### **Tema 3: O papel dos grupos virtuais pró-TAs no processo de recuperação da saúde**

A recuperação foi um tema frequentemente abordado nos relatos dos membros dos grupos pró-TAs. Muitos já tinham participado e/ou estavam participando de algum esforço de reabilitação (Firkins et al., 2019; Fitzsimmons-Craft et al., 2020; Gale et al., 2016; Jones et al., 2022; Mincey & Hollenbaugh, 2022; Smahelova et al., 2020; Yom-Tov et al., 2016). A recuperação se inicia com uma guinada na percepção do indivíduo, que passa a se entender como alguém que vivencia um sofrimento psíquico importante, que supera seus recursos pessoais de enfrentamento. Muitas pessoas diagnosticadas com TAs relatam, retrospectivamente, que durante muito tempo não tinham noção sobre a gravidade de suas dificuldades alimentares e não compreendiam a seriedade da situação. Assim, consideravam que não era um problema ou, pelo menos, que não era um problema suficientemente grave que requeria ajuda profissional. Outras pessoas hesitam em buscar tratamento porque consideram que são autossuficientes e que, portanto, deveriam estar aptas a cuidar de si mesmas, recusando tenazmente a assistência e o cuidado de terceiros (Fitzsimmons-Craft et al., 2020; Gale et al., 2016; Mincey & Hollenbaugh, 2022).

Na medida em que adquirem uma consciência crítica sobre seus problemas, podem finalmente aceitar sua condição de sofrimento e se envolver com o tratamento. Nesse estágio de conscientização, podem discernir que as plataformas e mídias digitais instigam a continuidade de seus sintomas e que, por esse motivo, precisam se manter alertas sobre os perigos de se deixar

influenciar pelas mensagens, caso permaneçam conectadas às comunidades (Casilli et al., 2014; Mincey & Hollenbaugh, 2022; Smahelova et al., 2020). Contudo, o clima grupal de inclusão e acolhimento que encontram nos grupos *on-line* e a força dos vínculos estabelecidos entre os integrantes fazem com que os usuários relutem em deixar de frequentar os *sites*, onde se sentem acolhidos e confortáveis com sua personalidade associada ao TA.

Com base nesse conflito entre a busca por melhora e o possível sentimento de desamparo que os usuários podem vivenciar ao se distanciarem dos grupos virtuais, Firkins et al. (2019) identificaram duas formas de iniciar o tratamento, sendo uma baseada na escolha própria pelo desligamento voluntário do grupo, e outra definida pela pressão coercitiva que deve ser exercida pelo círculo social e familiar para que esse desengajamento ocorra, resultando em um desligamento forçado. Os autores comentam que, independentemente da estratégia utilizada, o afastamento das comunidades é um requisito necessário para a estabilização das condições emocionais que dão sustentação ao processo de recuperação.

As possíveis recaídas no uso das redes sociais digitais representam desafios a serem enfrentados no percurso da recuperação, mas também é preciso considerar a complexidade e as incertezas experimentadas ao se buscar uma nova identidade pessoal sem poder contar com a “muleta” do transtorno (Firkins et al., 2019). Gale et al. (2016) reproduzem o relato de um participante que afirmou ter uma “voz anoréxica” e uma “voz normal” dentro de sua cabeça, como se o TA, mais do que um processo de adoecimento, se tornasse uma “outra personalidade” integrada ao Eu. Fava e Peres (2011, p. 358) notam que “a personificação da anorexia nervosa representa, em última instância, o indicador de uma importante fragilidade narcísica, visto que atesta a insustentabilidade da autossuficiência”. Nesse contexto, o tratamento deve auxiliar a construção de uma identidade própria e saudável por alguém que não se vê mais desvinculado das características do transtorno, nem se percebe competente para confrontar as tarefas inerentes ao crescimento e amadurecimento pessoal. Isso evidencia que o adoecer é um processo complexo de construção de uma pseudoidentidade moldada com o amparo do transtorno, em indivíduos com fragilidades narcísicas prévias. Assim, o desejo de manter um estilo de vida plasmado no TA pode funcionar como poderosa narrativa antirrecuperação (Firkins et al., 2019).

Recomendações sobre o cuidado promovido pelos profissionais de saúde e diretrizes para o tratamento dos TAs também foram temas abordados nos artigos que compõem o *corpus* desta revisão (Firkins et al., 2019; Gale et al., 2016; Jones et al., 2022; Smahelova et al., 2020). Mincey e Hollenbaugh (2022) argumentam que, muitas vezes, há incompreensão por parte dos profissionais, o que dificulta a busca de recuperação pelos pacientes, seja pelo temor da crítica e da estigmatização suscitada pelo transtorno (Casilli et al., 2014), seja pela falta de qualificação profissional dos clínicos sobre como manejar os TAs de maneira sensível e empática, abstendo-se de uma abordagem de cunho adaptacionista ou moralizante.

Fitzsimmons-Craft et al. (2020) alertam os profissionais da saúde sobre a necessidade de explorar ativamente a eventual participação dos pacientes nas comunidades pró-Ana e o impacto que elas podem ter na evolução de seus sintomas. A psicoterapia pode ser importante

aliada para auxiliar em várias questões, por exemplo, como discriminar o senso de identidade própria dos “pensamentos do TA” ou como adquirir habilidades socioemocionais, estabelecer vínculos saudáveis e alcançar uma boa comunicação com outras pessoas fora do contexto das comunidades virtuais. Como Rouleau e von Ranson (2011) destacam, amigos virtuais podem ser dispensados com um clique do *mouse*, mas nunca podem substituir o amor e o cuidado autêntico.

Jones et al. (2022) identificaram aspectos positivos nos grupos *on-line*, como o fornecimento de suporte emocional e a conexão que os integrantes criam por meio das redes de apoio, que podem funcionar como espaços coletivos pró-recuperação se forem aproveitados de forma inteligente e saudável. Esse achado permite deduzir que os efeitos benéficos ou nocivos do contato com os *websites* pró-Ana e pró-Mia dependem do uso que se faz desses espaços de sociabilidade.

Concluindo, os resultados dos estudos que investigaram o que acontece na intimidade das comunidades virtuais fechadas desafiam uma série de suposições dadas como inquestionáveis. Ao contrário das ideias mais difundidas, esses *websites* claramente não constituem um movimento único e coeso. As pesquisas mostram que não há uma filosofia unificada que glorifica a perda de peso, já que grande parte dos tópicos de mensagens compartilhadas descreve a luta cotidiana dos usuários com seus conflitos e padecimentos. A suposição de que os *websites* pró-Ana e pró-recuperação apresentam perspectivas excludentes e polarizadas também não se sustenta. Conforme observado, a maioria das comunidades contém, simultaneamente, elementos pró-doença e pró-recuperação (Firkins et al., 2019).

### Considerações finais

Esta revisão de escopo, que teve como questão norteadora como os grupos virtuais pró-anorexia e pró-bulimia influenciam o comportamento alimentar de seus usuários, baseou-se na análise sistemática de resultados obtidos por estudos empíricos primários, o que oferece uma base segura para inferências e conclusões. A síntese do conhecimento atual sobre o uso problemático das mídias e comunidades virtuais pró-TAs revelou que a exposição aos conteúdos *on-line* produzidos em *websites* e plataformas digitais que enfatizam o ideal de magreza radical guarda relação com prováveis diagnósticos de TAs de seus usuários. Os *websites* pró-TAs tendem a ser percebidos como fonte de apoio social, no entanto, frequentemente parecem contribuir para exacerbar ou manter os sintomas que caracterizam esses transtornos. Em outras palavras, o uso frequente dessas comunidades virtuais pode influenciar o comportamento alimentar das pessoas usuárias, reforçando a manutenção de hábitos problemáticos.

Os resultados da maioria dos estudos convergem no sentido de apontar que as comunidades virtuais propiciam um ambiente propício para o incentivo de práticas prejudiciais de perda e controle de peso. Entre os riscos identificados, destacam-se o reforço de comportamentos alimentares disfuncionais e o impedimento ou retardo da busca de ajuda profissional, o que dificulta a recuperação. Por outro lado, esta revisão de escopo também evidenciou resultados de pesquisa que indicam que, dependendo do modo como as pessoas usam o ambiente *on-line*, os

conteúdos a que estão expostas podem auxiliar na mitigação de sentimentos de desamparo, solidão e menos-valia, que reforçam a baixa autoestima. Ao se sentirem apoiadas nas comunidades virtuais, algumas pessoas podem utilizar essa experiência como encorajamento para a busca de tratamento e um incentivo a dar os primeiros passos no caminho da recuperação do TA.

Essa hipótese é corroborada pelo fato de que uma das principais motivações encontradas para o engajamento dos usuários nas mídias sociais que enaltecem a adoção de comportamentos pró-TAs é se protegerem contra a estigmatização social que enfrentam no cotidiano como grupo subalternizado. As pessoas buscam os *sites* pró-anorexia/bulimia quando se veem solitárias e incompreendidas em seus contextos de vida, como um meio de mitigar ou atenuar seus sentimentos de inferioridade e fortalecer seu senso de comunidade e identidade social. Assim, é necessário ter um olhar ampliado para esse fenômeno e examinar tanto os aspectos negativos como positivos decorrentes do uso dos espaços digitais convencionados como “comunidades pró-TAs”.

Nessa perspectiva, esta revisão mostra que é necessário ampliar as pesquisas sobre os efeitos eventualmente positivos de alguns ambientes *on-line* que se apresentam como pró-TAs, evitando generalizações ou postura *a priori* condenatória. Isso porque a adesão às comunidades *on-line* é motivada não apenas por preocupações com o peso, mas também pelo suporte emocional fornecido e pela possibilidade de expressar as próprias necessidades e inquietações emocionais. Assim, o apoio social é entendido pelos usuários como um dos motivos da busca dos *sites* pró-TAs. A escassez ou superficialidade desse suporte na vida desses indivíduos parece estar entrelaçada com a manutenção de seus sintomas alimentares, mais do que com a influência perniciosa dos pares.

Recomenda-se a condução de novos estudos para investigar o impacto da exposição a *websites* pró-anorexia/bulimia, um fenômeno que adquire importância crescente devido à expansão da cultura digital e sua influência sobre os comportamentos dos jovens. Estudos futuros devem buscar clarificar os mecanismos, ainda pouco explorados, pelos quais a exposição influencia o comportamento alimentar dos usuários. Por outro lado, os resultados desta revisão têm implicações notórias para a prática clínica dos profissionais que atuam nas várias linhas de cuidado e níveis de assistência, contribuindo para questionar os modelos de tratamento clínico excessivamente focados na recuperação do peso e da composição corporal, pois tal estratégia pode reforçar aspectos sintomáticos do transtorno em alguns casos.

Os profissionais de saúde podem utilizar esses achados da literatura para aprimorar sua escuta qualificada nos serviços de suporte existentes, mas devem entender que as dificuldades de comunicação interpessoal também favorecem o engajamento de pessoas com propensão à AN/BN no mundo *on-line*, sobretudo as mais jovens, na medida em que são parte de uma geração hiperconectada que encontra na internet recursos acessíveis para se manifestarem e terem a chance de serem ouvidas, pelos pares, sem críticas ou juízos de valor. Esse aspecto é crucial se considerarmos a percepção de não serem escutadas ou de não terem suas queixas valorizadas, frequentemente relatada durante as consultas com os profissionais de saúde.

Os achados podem orientar a implementação de estratégias de acolhimento dessa população de alto risco para desenvolver TAs. Programas de prevenção e intervenções terapêuticas e psicoeducativas devem levar em conta a dupla face do engajamento dos usuários nos *websites*, seja como sinal de conformismo, seja como resistência e afirmação da identidade. Perceber as potencialidades dessas comunidades, em vez de condená-las liminarmente, é um passo importante para que se possa eventualmente aproveitá-las como recurso a favor da recuperação e ressignificação dos sintomas. O modo de operacionalizar essa meta ainda permanece pouco explorado na literatura, o que sugere a necessidade de novas pesquisas que invistam nessa direção.

Os resultados desta revisão também devem ser interpretados considerando suas principais limitações. Os artigos incluídos derivaram de estudos transversais, o que restringe as inferências causais entre as variáveis analisadas. Recomenda-se a condução de estudos longitudinais, que permitem explorar relações causais e que se mostram mais indicados para investigar questões em uma perspectiva desenvolvimental, na medida em que podem oferecer evidências mais robustas para a explicação de diferentes trajetórias de envolvimento com o ambiente *on-line*. Além disso, a maior parte dos estudos revisados, em que pese ter boa qualidade metodológica, apresentou baixo nível de evidência, o que sugere a necessidade de investir em delineamentos metodológicos mais sofisticados. Novas pesquisas devem se empenhar em esclarecer como características específicas dos *websites* pró-TAs contribuem para o desenvolvimento, manutenção ou exacerbação de quadros psicopatológicos. Isso demanda a condução de estudos com *designs* prospectivos/longitudinais e ensaios clínicos randomizados com amostras clínicas e faixas etárias diversificadas.



### Referências

- Almenara, C. A., Machackova, H., & Smahel, D. (2016). Individual differences associated with exposure to “Ana-Mia” websites: An examination of adolescents from 25 European countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(8), 475–480. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0098>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders. Text revision* (5th ed., text rev.). American Psychiatric Association. Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: Towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19–32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Bardone-Cone, A. M., & Cass, K. M. (2007). What does viewing a pro-anorexia website do? An experimental examination of website exposure and moderating effects. *International Journal of Eating Disorders*, 40(6), 537–548. <https://doi.org/10.1002/eat.20396>
- Borzekowski, D. L. G., Schenk, S., Wilson, J. L., & Peebles, R. (2010). e-Ana and e-Mia: A content analysis of pro-eating disorder web sites. *American Journal of Public Health*, 100(8), 1526–1534. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2009.172700>
- Carvalho, L. F., Pianowski, G., & Santos, M. A. (2023). Guidelines for conducting and publishing systematic reviews in Psychology. *Estudos de Psicologia*, 36, e180144. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e180144>
- Casilli, A., Rouchier, J., & Tubaro, P. (2014). How to build consensus in a health-oriented on-line community: Modeling a “Pro-Ana” forum. *Revue Française de Sociologie*, 55(4), 731–764. <https://doi.org/10.3917/rfs.554.0731>
- Critical Appraisal Skills Programme. (2018). *CASP Checklist: 10-questions to help you make sense of qualitative research*. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>
- Fardouly, J., Diedrichs, P. C., Vartanian, L. R., & Halliwell, E. (2015). Social comparisons on social media: The impact of Facebook on young women's body image concerns and mood. *Body Image*, 13, 38–45. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bodyim.2014.12.002>
- Fava, M. V., & Peres, R. S. (2011). From mental emptiness to body emptiness: A psychoanalytical view on pro-anorexia virtual communities. *Paidéia*, 21(50), 353–361. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300008>
- Firkins, A., Twist, J., Solomons, W., & Keville, S. (2019). Cutting ties with Pro-Ana: A narrative inquiry concerning the experiences of Pro-Ana disengagement from six former site users. *Qualitative Health Research*, 29(10), 1461–1473. <https://doi.org/10.1177/1049732319830425>
- Fitzsimmons-Craft, E. E., Krauss, M. J., Costello, S. J., Floyd, G. M., Wilfley, D. E., & Cavazos-Rehg, P. A. (2020). Adolescents and young adults engaged with pro-eating disorder social media: Eating disorder and comorbid psychopathology, health care utilization, treatment barriers, and opinions on harnessing technology for treatment. *Eating and Weight Disorders: Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 25(6), 1681–1692. <https://doi.org/10.1007/s40519-019-00808-3>
- Gale, L., Channon, S., Lerner, M., & James, D. (2016). Experiences of using pro-eating disorder websites: A qualitative study with service users in NHS eating disorder services. *Eating and Weight Disorders: Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 21(3), 427–434. <https://doi.org/10.1007/s40519-015-0242-8>
- Gil, M., Simões, M. M., Oliveira-Cardoso, E. A., Pessa, R. P., Leonidas, C., & Santos, M. A. (2022). Perception of family members of people with eating disorders about treatment: A metasynthesis of the literature. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, e38. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38417.pt>
- Ging, D., & Garvey, S. (2018). ‘Written in these scars are the stories I can’t explain’: A content analysis of pro-ana and thinspiration image sharing on Instagram. *New Media & Society*, 20(3), 1181–1200. <https://doi.org/10.1177/1461444816687288>
- Harmon, J., & Rudd, N. A. (2019). Friending Ana: Investigating the prominence and characteristics of proanorexia communities on social media. *Fashion, Style, & Popular Culture*, 6(2), 243–260. [https://doi.org/10.1386/fspc.6.2.243\\_1](https://doi.org/10.1386/fspc.6.2.243_1)

- Jett, S., LaPorte, D., & Wanchisn, J. (2010). Impact of exposure to pro-eating disorder websites on eating behaviour in college women. *European Eating Disorders Review*, 18(5), 410–416. <https://doi.org/10.1002/erv.1009>
- Jiotsa, B., Naccache, B., Duval, M., Rocher, B., & Grall-Bronnec, M. (2021). Social media use and body image disorders: Association between frequency of comparing one's own physical appearance to that of people being followed on social media and body dissatisfaction and drive for thinness. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(6), 2880–2892. <https://doi.org/10.3390/ijerph18062880>
- Joanna Briggs Institute. (2015). *The Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual 2015: Methodology for JBI scoping reviews*. <https://nursing.lsuhs.edu/jbi/docs/reviewersmanuals/scoping-.pdf>
- Jones, M. E., Salafia, E. H. B., & Leonard, K. C. (2022). Users' perceptions of how an unmoderated eating disorder community may benefit or harm their recovery. *Journal of Eating Disorders*, 10(1), 129. <https://doi.org/10.1186/s40337-022-00653-3>
- Leonidas, C., & Santos, M. A. (2013). Redes sociais significativas de mulheres com transtornos alimentares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 561–571. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300016>
- Leonidas, C., & Santos, M. A. (2014). Social support networks and eating disorders: An integrative review of the literature. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 10, 915–927. <https://doi.org/10.2147/NDT.S60735>
- Leonidas, C., Crepaldi, M. A., & Santos, M. A. (2013). Bulimia nervosa: Uma articulação entre aspectos emocionais e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 62–75. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/05.pdf>
- Leonidas, C., & Santos, M. A. (2020). Percepção de apoio social e configuração sintomática na anorexia nervosa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(1), e207693, 1–14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207693>
- Maia, B. B., Campelo, F. G., Rodrigues, E. C., Oliveira-Cardoso, E. A., & Santos, M. A. (2023). Perceptions of health professionals in providing care for people with anorexia and bulimia nervosa: A systematic review and meta-synthesis of qualitative studies. *Cadernos de Saúde Pública*, 39, e00223122. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XEN223122>
- Matthew, J. P., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., . . . Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *The BMJ: British Medicine Journal*, 372(71), 1–8. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Meier, E. P., & Gray, J. (2014). Facebook photo activity associated with body image disturbance in adolescent girls. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(4), 199–206. <https://doi.org/10.1089/cyber.2013.0305>
- Mento, C., Silvestri, M. C., Muscatello, M. R. A., Rizzo, A., Celebre, L., Praticò, M., Zoccali, R. A., & Bruno, A. (2021). Psychological impact of pro-anorexia and pro-eating disorder websites on adolescent females: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(4), 2186. <https://doi.org/10.3390/ijerph18042186>
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139–153. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>
- Mincey, K. A., & Hollenbaugh, K. M. H. (2022). Exploring the experiences of people who engage with pro-eating disorder on-line media: A qualitative inquiry. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 44(4), 660–679. <https://doi.org/10.1007/s10447-022-09483-z>
- Moraes, R. B., Santos, M. A., & Leonidas, C. (2021). Repercussões do acesso às redes sociais em pessoas com diagnóstico de Anorexia Nervosa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(3), 1178–1199. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.62734>
- Moraes, R. B., Santos, M. A., & Oliveira-Cardoso, É. A. (2024). Implications of social media use for the treatment of eating disorders. *Psicologia: Teoria e Prática*, 26(3), ePTPCP17007. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP17007.en>
- Nechita, D.-M., Bud, S., & David, D. (2021). Shame and eating disorders symptoms: A meta-analysis. *International Journal of Eating Disorders*, 54(11), 1899–1945. <https://doi.org/10.1002/eat.23583>

- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. (2016). Rayyan: A web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, 5, article 210. <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>
- Perloff, R. M. (2014). Social media effects on young women's body image concerns: Theoretical perspectives and an agenda for research. *Sex Roles*, 71, 363–377. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0384-6>
- Peters, M., Godfrey, C., McInerney, P., Soares, C., Khalil, H., & Parker, D. (2015). *The Joanna Briggs Institute reviewers' manual 2015: Methodology for JBI scoping reviews*. <https://nursing.lsuhsu.edu/JBI/docs/ReviewersManuals/Scoping-.pdf>
- Rodgers, R. F., Lowy, A. S., Halperin, D. M., & Franko, D. L. (2016). A meta-analysis examining the influence of pro-eating disorder websites on body image and eating pathology. *European Eating Disorders Review*, 24(1), 3–8. <https://doi.org/10.1002/erv.2390>
- Rodrigues, F. G. L., & Cunha, E. S. (2025). Transtornos alimentares no Twitter: Uma revisão integrativa das postagens em grupos pró-Ana e pró-Mia. *Psicologia e Saúde em Debate*, 11(1), 838–858. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V11A1A48>
- Rouleau, C. R., & von Ranson, K. M. (2011). Potential risks of pro-eating disorder websites. *Clinical Psychology Review*, 31(4), 525–531. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.12.005>
- Santos, M. A., Banuth, R. F., & Oliveira-Cardoso, E. A. (2016). O corpo modelado e generificado como espelho da contemporaneidade: Considerações a partir da teoria queer. *Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde*, 11(3), 511–520. <https://doi.org/10.12957/demetra.2016.22525>
- Santos, M. A., Oliveira, V. H., Peres, R. S., Risk, E. N., Leonidas, C., Oliveira-Cardoso, E. A. (2019). Corpo, saúde e sociedade de consumo: A construção social do corpo saudável. *Saúde e Sociedade*, 28(3), 239–252. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Psicoterapia como estratégia de tratamento dos transtornos alimentares: Análise crítica do conhecimento produzido. *Estudos de Psicologia*, 29(suppl 1), 851–863. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500021>
- Scorsolini-Comin, F., Souza, L. V., & Santos, M. A. (2010). A construção de si em um grupo de apoio para pessoas com transtornos alimentares. *Estudos em Psicologia*, 27(4), 467–478. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400005>
- Slater, A., Varsani, N., & Diedrichs, P. C. (2017). #fitspo or #loveyourself? The impact of fitspiration and self-compassion Instagram images on women's body image, self-compassion, and mood. *Body Image*, 22(1), 87–96. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.06.004>
- Smahelova, M., Drtilova, H., Smahel, D., & Cevcelicek, M. (2020). Internet usage by women with eating disorders during illness and recovery. *Health Communication*, 35(5), 628–636. <https://doi.org/10.1080/10410236.2019.1582135>
- So, B., & Kwon, K. H. (2022). The impact of thin-ideal internalization, appearance comparison, social media use on body image and eating disorders: A literature review. *Journal of Evidence-Based Social Work*, 20(1), 1–17. <https://doi.org/10.1080/26408066.2022.2117582>
- Souza, A. P. L., Valdanha-Ornelas, É. D., Santos, M. A., & Pessa, R. P. (2019). Significados do abandono do tratamento para pacientes com transtornos alimentares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e188749. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003188749>
- Tiggemann, M., Hayden, S., Brown, Z., & Veldhuis, J. (2018). The effect of Instagram “likes” on women's social comparison and body dissatisfaction. *Body Image*, 26, 90–97. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.07.002>
- Tiggemann, M., & Slater, A. (2017). Facebook and body image concern in adolescent girls: A prospective study. *International Journal of Eating Disorders*, 50(1), 80–83. <http://doi.org/10.1002/eat.22640>
- Tiggemann, M., & Zaccardo, M. (2016). 'Strong is the new skinny': A content analysis of #fitspiration images on Instagram. *Journal of Health Psychology*, 23(8), 1–9. <https://doi.org/10.1177/1359105316639436>
- Tricco, A. C. et al. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Walther, J. B., & Boyd, S. (2002). Attraction to computer mediated social support. In C. A. Lin & D. Atkin (Eds.), *Communication technology and society: Audience adoption and uses* (pp. 153–188). Hampton Press.

- Wooldridge, T. (2016). Expending into cyberspace. In T. Wooldridge (Ed.), *Understanding Anorexia Nervosa in males: An integrative approach* (pp. 80–91). Taylor & Francis.
- Yeshua-Katz, D. (2015). *On-line stigma resistance in the pro-Ana community*. *Qualitative Health Research*, 25(10), 1347–1358. <https://doi.org/10.1177/1049732315570123>
- Yom-Tov, E., Brunstein-Klomek, A., Hadas, A., Tamir, O., & Finnig, S. (2016). Differences in physical status, mental state and on-line behavior of people in pro-anorexia web communities. *Eating Behaviors*, 22, 109–112. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2016.05.001>

### Contribuição de cada autor na elaboração do trabalho:

**Mariana Stefani Firmino:** Contribuiu com levantamento bibliográfico, coleta, análise e discussão dos dados, redação inicial e final do manuscrito, formatação e aprovação da versão final submetida à avaliação.

**Bruna Bortolozzi Maia:** Contribuiu com a conceitualização do estudo, levantamento bibliográfico, delineamento teórico-metodológico, coleta e análise dos dados, aprovação da versão final submetida à avaliação.

**Érika Arantes de Oliveira-Cardoso:** Contribuiu com a análise e discussão dos dados e revisão final do manuscrito.

**Manoel Antônio dos Santos:** Contribuiu com a orientação do projeto de pesquisa e conceitualização do estudo, delineamento teórico-metodológico, coleta e análise dos dados, formatação, obtenção do financiamento para a pesquisa, redação (revisões, edição inicial e final) do manuscrito e aprovação da versão final submetida à avaliação.

#### EQUIPE EDITORIAL

##### Editor-chefe

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

##### Editores Associados

Alessandra Gotuzo Seabra  
Ana Alexandra Caldas Osório  
Cristiane Silvestre de Paula  
Luiz Renato Rodrigues Carreiro  
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

##### Editores de Seção

##### “Avaliação Psicológica”

André Luiz de Carvalho Braule Pinto  
Danielle de Souza Costa  
Natália Becker  
Lisandra Borges Vieira Lima  
Luiz Renato Rodrigues Carreiro  
Thatiana Helena de Lima

##### “Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra  
Carlo Schmidt  
Kátia Carvalho Amaral Faro

##### “Psicologia Social e Saúde das Populações”

Fernanda Maria Munhoz Salgado  
Gabriel Gaudencio do Rêgo  
João Gabriel Maracci Cardoso

##### “Psicologia Clínica”

Cândida Helena Lopes Alves  
Julia Garcia Durand  
Vinicius Pereira de Sousa

##### “Desenvolvimento Humano”

Ana Alexandra Caldas Osório  
Cristiane Silvestre de Paula  
João Rodrigo Maciel Portes

##### Artigos de Revisão

Jessica Mayumi Maruyama

##### Suporte Técnico

Maria Gabriela Maglio  
Davi Mendes

#### PRODUÇÃO EDITORIAL

##### Coordenação editorial

Surane Chilianí Vellenich

##### Estagiária Editorial

Sofia Lustosa de Oliveira da Silva

##### Preparação de originais

Luciana Moreira

##### Revisão

Hebe Ester Lucas

##### Diagramação

Studio Acqua